



DITHER PLAYS ZORN © KELLY LOPES

3 Agosto SEXTA, 18:30 — Auditório 2

Dither *plays Zorn Game Pieces*

James Moore Guitarra elétrica

Taylor Levine Guitarra elétrica

Josh Lopes Guitarra elétrica

Gyan Riley Guitarra elétrica

O grupo de guitarras elétricas **Dither** (que significa, em Português, “tremar”) já se deu a ouvir numa grande variedade de situações, entre parcerias com o compositor de *drone music* Phill Niblock e com o grupo de avant-pop Yo La Tengo ou a interpretação de *Electric Counterpoint* – uma das obras maiores do minimalismo – de Steve Reich numa versão aumentada para 13 elementos. Especial relevo está a ter a dedicação de **James Moore, Taylor Levine, Josh Lopes** e **Gyan Riley** (filho de outro ilustre minimalista, Terry Riley) às *game pieces* de John Zorn, traduzida na edição, em 2015, do álbum *Dither Plays Zorn*. Concebidas por este, na sua maioria, nas décadas de 1970 (casos de *Hockey* e *Lacrosse*) e 1980 (*Cobra*), com variantes como *Pool*, *Xu Feng*, *Spillane* e *Godard*, estas peças não o são no sentido próprio do termo, mas sim conjuntos de procedimentos destinados a estruturar uma improvisação total no decorrer da mesma.

Talvez porque as ditas *game pieces* implicam habitualmente a ação gestual de um “maestro”, há a tendência para as comparar com a Conduction de Butch Morris e com o sistema de Soundpainting de Walter Thompson. A mais do que estas têm, no entanto, o fator jogo, e nesse aspeto nenhuma outra metodologia ultrapassou a dimensão lúdica da imaginada por Zorn depois de ouvir “jogos” de Iannis Xenakis como *Duel* e *Stratégie*. Essa referenciação na música contemporânea só podia ganhar a empatia dos **Dither**, que são o equivalente neste início do século XXI ao quarteto de cordas do XVIII, o «aqui e agora da cena pós-clássica de Nova Iorque», como sobre eles já se escreveu a propósito. De facto, o que tocam convoca tanto as características da música erudita como do metal, do hip-hop, da eletrónica experimental ou das músicas não-ocidentais, emergindo umas e outras consoante são mostrados cartões que apelam à memorização de uma passagem que depois seja repetida ou a trocas de protagonismo, entre outros muitos recursos organizacionais do fluxo musical.

RUI EDUARDO PAES